

**Memória judaica e literatura portuguesa: *A Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque (1553)\***

Jewish Memory and Portuguese Literature: *A consolação às tribulações de Israel* by Samuel Usque (1553)

**Gerson Luiz Roani\*\***

**Resumo:** *A Consolação às Tribulações de Israel* (1553) de Samuel Usque é o principal testemunho literário da expulsão e da diáspora a que foram submetidos os judeus portugueses, a partir de 1531. Com inclinação memorialística, essa obra explora a tragédia e o exílio que a intolerância religiosa e a ação da Inquisição impuseram aos judeus ibéricos. Em seu texto, Samuel Usque comenta que a consolação efetiva se obtém comparando os males passados com os experimentos no presente. Tal intenção levou o autor a revisitar as tragédias sofridas pelo povo hebreu, desde os tempos bíblicos até a época das perseguições da Inquisição.

**Palavras-chave:** Samuel Usque. Inquisição. Diáspora judaica. Judaísmo. Memória.

**Abstract:** *A Consolação às Tribulações de Israel* (1553) by Samuel Usque is the main literary testimony of the expulsion and dispersion that the Portuguese Jews were submitted, beginning in the year of 1531. With a memory inclination, this work explores the tragedy and the exile that the religious intolerance and the action of the Inquisition imposed to the Iberian Jews. In his text, Samuel Usque comments that the real consolation is obtained by comparing the last evils with the experiments in the present. Such intention took the author to revisit the suffered tragedies by the Hebrew people, since the biblical times to the time of the persecutions of the Inquisition.

**Keywords:** Samuel Usque. Inquisition. Jewish dispersion. Judaism. Memory.

*A Consolação às Tribulações de Israel* (1553), escrita pelo português Samuel Usque, constitui-se como um clássico da Literatura Portuguesa do século XVI por ser o único testemunho literário da prosa doutrinal hebraica produzida, em português, neste período. A primeira edição apareceu no prelo de Abraão Usque, em Ferrara, em 1553. A obra teve uma larga difusão entre os marranos, pois um dossiê da Inquisição portuguesa revela, em 1558, que a obra circulava entre os milhares de cristãos-novos portugueses de Bristol e de Londres (Cf. NAHON, 1998, p. 700-701). Uma reedição apareceu em Amsterdã em 1559, inaugurando uma intensa produção literária judaica espanhola e portuguesa nos Países Baixos. O texto de Usque foi e continua a ser uma obra esquecida e negligenciada pelos historiadores, pelos estudiosos da Literatura portuguesa e pelos pesquisadores que se dedicam aos Estudos Judaicos. Isso pode ser atestado pelo o aparecimento de uma edição inglesa, em 1965, graças aos esforços de tradução e edição de Martin A. Cohen. Em língua portuguesa, a última edição é de 1989, editada pela Imprensa-Nacional Casa da Moeda e precedida dos importantes estudos introdutórios de Pina Martins e Yosef Hayim Yerushalmi.<sup>1</sup> Por sua linguagem e composição poética, ela se constitui um verdadeiro monumento das letras portuguesas. Pela inserção que ela realiza na economia da redenção dos dramas impostos ao povo de Israel, emblematicamente, ela exprime, como narrativa híbrida, a concepção judaica da história.

Sob a forma de um diálogo pastoril, Samuel Usque se dirige aos “senhores do desterro de Portugal”, testemunhando os acontecimentos ocorridos em Portugal desde a entrada dos judeus expulsos da Espanha, em 1492, até a data do primeiro edito da Inquisição, em 1531, e do longo exílio a que as perseguições obrigaram. *A Consolação* é um importante registro sobre a participação judaica na História da Literatura Portuguesa, assinalada pelo silêncio acerca dessa contribuição. O texto usqueano expressa eloquentemente a tragédia recaída sobre os sefarditas perseguidos pela Inquisição ibérica. Com feição

memorialista, essa obra quinhentista revela que as perseguições inquisitoriais marcaram indelevelmente a comunidade sefardita (Cf. MUCZNIK, Esther in CABRAL, 1999, p. 59).

Na obra em questão, o prólogo da obra é aberto com a dedicatória à Grácia Nasi, cristã-nova portuguesa nascida em Lisboa por volta de 1510, no reinado de Dom Manuel I, protetora dos Judeus e dos cristãos-novos seus compatriotas<sup>2</sup>. A história judaica tem mulheres extraordinárias e muitas entraram para a história. Grácia Nasi foi uma delas. Com uma personalidade forjada pelos sofrimentos de uma vida de tragédias e sobressaltos, esta judia desafiou os homens, papas, reis e a exclusão que marcava o seu destino pessoal. Portugal não lhe proporcionou tranquilidade, apesar da imensa riqueza. Ficou viúva aos 25 anos, tornado-se herdeira de um império comercial e de uma incalculável riqueza cobiçada pela Inquisição, pelo Estado Monárquico e pela aristocracia. Grácia Nasi torna-se uma atilada mulher de negócios, assumindo o seu espírito empreendedor, traço marcante dos sefarditas judeus/cristãos novos. Grácia Nasi move-se por toda a Europa, passando por cidades como Antuérpia e Veneza, até chegar a Constantinopla, a Sublime Porta do Império Otomano, onde finalmente pode praticar a fé judaica às claras, sem reear qualquer perseguição, ajudando os seus correligionários ibéricos a escapar à Inquisição, apoiando o estudo e o ensino religiosos judaicos, bem como a edição de Bíblias em hebraico, de Tratados sobre a fé judaica, de obras literárias como a de Samuel Usque e exercendo a caridade para com os mais necessitados. Portanto, fiel à convicção judaica de que não se chega à sem justiça e misericórdia.

A dedicatória manifesta o reconhecimento a esta mulher quem, pelos seus cuidados, empenhos e riscos, se tornou alvo da gratidão de toda a gente da “nossa nação portuguesa”, tanto dos grandes, quanto das “mínimas criaturas deste povo” (USQUE, 1989, p. 5). É por isso que o prólogo assume relevo inegável na tessitura textual. Nele, o escritor explicita e explica os motivos que o impulsionaram a escritura da *Consolação*. Como menciona Pina Martins (1989, p. 135-136): “Há os porquê e os para que assim como os para quem”. Tudo, logo de início, é posto a claro. Dirigindo-se aos portugueses, Samuel Usque adota a sua língua. O prólogo como todo livro é um ato de fé no Deus justo e bondoso de Abraão, de Isaac e de Jacó, assim como um ato de esperança no destino do povo que ele escolheu, transfundidos na história do mundo”.

Tendo como público-alvo os judeus portugueses, o livro de Usque sublinha que o tormento mais doloroso para os sefarditas era, naquele momento, a expulsão dos judeus portugueses ou a adoção forçada do catolicismo por causa da implantação do tribunal inquisitorial. Sugeriram a Usque que esse libelo contra a intolerância fosse redigido em língua castelhana, considerando a expressiva comunidade de sefarditas espanhóis que, junto com os portugueses, se exilaram em regiões mais tolerantes, tais como a Itália, a França e os Países Baixos. Lembre-se, acerca disso, que a obra usqueana é impressa no mesmo prelo em que vem à luz a célebre *Bíblia de Ferrara*, publicada pelo impressor Abraham ben Usque, em 1553 E. C. [5313]. Essa edição da Bíblia Hebraica, “en lengua española traduzida palabra por palabra dela verdad hebrayca por muy excelentes letrados vista e examinada”, é também dedicada à Grácia Nasi e ao Duque de Ferrara.

Nessa época, Ferrara era um importante centro comercial, que havia acolhido muitos judeus portugueses e espanhóis. Ali, os sefarditas alcançaram a proteção do Duque de Ferrara e de Dona Grácia Nasi, mulher que estava à frente da importante e rica casa Mendes, cujos recursos financiaram e apoiaram vários intelectuais de ascendência hebraica, bem como procuraram mitigar os tormentos causados pelas perseguições aos judeus e cristãos-novos (Cf. HERCULANO, 2002).

Samuel Usque expressa que decidiu escrever na língua em que mamou. É o que se detecta no fragmento do Prólogo, transcrito na seqüência, no qual emerge um tom comovido e saudoso ao defender a língua portuguesa como matéria basilar para a confecção da sua conclamação aos israelitas lusos. A escrita literária torna-se, assim, uma exortação veemente a Israel para que coloque diante dos seus olhos as dores, os êxitos, grandezas e contradições da sua trajetória como povo, assinalado por uma missão divina. O texto literário deflagra um exercício introspectivo e memorialístico de delineamento da identidade cultural hebréia. Nesse processo, a memória promove a irrupção de murmúrios, vozes, figuras e acontecimentos históricos que atuam, no sujeito leitor, como consolações, manifestações e confirmações da predileção do Eterno pelo seu filho mais querido, mas também o mais obstinado e teimoso em relação às prescrições de Iahweh, rebento paradoxalmente frágil e vigoroso, vil infrator da Santa Lei do Senhor e orgulhosamente nobre por se saber o fiel depositário da Aliança Divina do Sinai:

Alguns señores quisieron dizer antes que soubesem minha razam, que fora melhor aver cõposto em lingoa castelhana, mas eu creio que nisso nam errey, por que sendo o meu principal yntento falar co Portugheses e representando a memoria deste nosso desterro buscar-lhe per muitos meos e longo rodeo, algum aliuiio aos trabalhos que nelle passamos, desconveniente era fugir da língua que mamey e buscar outra prestada pera falar aos meus naturais: E dado caso que A volta ouve muitos do desterro de Castela, e os meus passados daly ajam sido, mais razão parece que tenha agora conta com o presente e mayor cantidade (USQUE, 1989, p. 9).

O fragmento transcrito é exemplar para postular o caráter *sui generis* da *Consolação* de Usque em face da produção escritural hebraica do período, que, na maioria das vezes, era empreendida em língua espanhola, idioma da maioria das comunidades judaicas ibéricas, que se desenvolveram em territórios tolerantes e abertos à cultura, à religião, aos ofícios de trabalho e comerciais judaicos, tais como os Países Baixos, as Repúblicas Italianas de Gênova, Veneza e Florença, o Ducado de Ferrara, o Reino de Nápoles e a Sublime Porta, o Império Otomano. Observa-se, no trecho selecionado, que Usque não despreza o castelhano como língua franca de uso entre os judeus ibéricos, acolhidos em vários pontos da Europa ou do Oriente, após as nefastas perseguições das Inquisições portuguesa e espanhola. A citação alude a um intenso processo escritural encetado por inúmeros intelectuais sefarditas atingidos pelas ondas de expulsão dos Reinos de Portugal e Espanha. Apesar da tragédia recaída sobre a gente hebraica, esse período é especialmente fecundo, no que concerne ao aparecimento de várias obras hebréias direcionadas às levas de exilados de língua espanhola, que se dispersaram, sobretudo, pelos Países Baixos, Itália e Império Otomano. A atitude autoral de Usque sublinha a necessidade de adequar a proposta temática da sua obra ao público-alvo, os hebreus lusitanos. Considerando essas circunstâncias de circulação dos livros de feição hebraica entre os judeus ibéricos, Samuel Usque redigiu a sua arte de consolar em língua portuguesa, manifestando o desejo de interagir com o universo cultural português, ao qual estava preso por elos identitários e do qual se viu privado pelos editos de expulsão e de conversão forçada de 1536. O trecho destacado desvela, ainda, uma secreta saudade de Portugal e dos portugueses que tanto tinham perseguido e feito sofrer os seus irmãos de sangue, de lei e de espírito. A obra – insiste Samuel Usque – é escrita em português porque este é o idioma dos seus naturais, mas também por um outro motivo: a ferida aberta por Portugal no espírito e no corpo da sua comunidade estava ainda a sangrar. O autor propõe-se igualmente, no seu livro, convencer os portugueses de que Israel, punido por Deus por que por ele predestinado, não merecia, por parte de seus compatriotas, ser alvo de tamanhas crueldades.

*A Consolação às Tribulações de Israel* veio à luz, na imprensa de Abraão Usque, em Ferrara, Itália, em de 1553. O mistério sobre a vida e a identidade de Usque o aproxima de outra figura literária mais renomada, Bernardim Ribeiro, auto de *A menina e moça*, cuja edição *princeps* saiu na mesma imprensa em 1554. As obras de Usque e de Bernardim foram as duas produções editadas pelo editor judeu Abraão Usque em língua portuguesa. As lacunas e mistérios em torno destes dois autores provocam especulações variadas e controversas (CABRAL, 1999). As únicas referências conhecidas sobre o escritor quinhentista estão no texto da própria *Consolação*, na qual sublinha que as suas raízes ancestrais estavam vinculadas ao “do desterro de Castela”, e que ele próprio “mamou” a língua portuguesa (USQUE, 1989, p. 5). A estes dados muito limitados, acrescentam-se algumas hipóteses que expressam um certo consenso entre os investigadores (MUCZNIK L. L. 1994; PINA MARTINS, 1989; YERUSHALMI, 1989, REMÉDIOS, 1906).

Com base nessas conjecturas, Usque teria nascido em Portugal entre 1492 (data da expulsão dos judeus de Espanha) e 1497 e terá saído por volta de 1531, momento em que começa a se consolidar a implantação da Inquisição no reino lusitano. O parentesco entre o autor da *Consolação* e o editor Abraão Usque, bem como com o poeta Salomão Usque são hipóteses que não foram ainda comprovadas. A partir do texto da *Consolação*, cujos capítulos do Terceiro Diálogo, são de natureza nitidamente memorialista e autobiográfica supõe-se que o percurso do autor identifica-se com o que é narrado no capítulo 31 “dos que sayrom e saem de Portugal desdo Año. 5291 [= 1531]” (USQUE, 1989, p. 361). Isto é, Portugal, Flandres, Alemanha, travessia dos Alpes através da Suíça até o estado de Milão, Nápoles e por fim, Ferrara. De todas estas frágeis suposições, somente um dado pode ser considerado verdadeiro: De modo similar aos destinatários da sua obra, os cristãos-novos portugueses, Samuel Usque experienciou o cripto-judaísmo e as interdições ao livre exercício da fé mosaica. Em outras palavras, a condição lusitana do autor foi assinalada por uma identidade cristã-nova, que depois foi rechaçada com o retorno ou conversão efetiva ao judaísmo, em Ferrara. Este processo de volta à fé ancestral teria acontecido em uma época próxima da publicação do seu livro, como pode ser comprovado pelo seguinte fragmento:

Com base nisso, pode-se postular que a *Consolação às Tribulações de Israel* é um fruto conversão recente de Samuel Usque ao Judaísmo. Essa experiência de (re)descoberta da fé e do ritualismo hebraico explicam o zelo religioso, a certeza na missão sobrenatural de Israel e o arrependimento pela apostasia vivida pelo autor no período de adesão forçada ao catolicismo romano. Portanto, é para si mesmo, para o percurso da sua experiência de fé que o autor chama a atenção dos seus possíveis leitores. A atitude escritural é nitidamente de defesa do proselitismo judaico entre os cristãos-novos portugueses. Com isso se sublinha um traço da fé judaica, na “Nova Jerusalém” do clímax dos tempos, da vinda do Messias, os prediletos e privilegiados são os que abandonam a idolatria, as superstições, os rituais cristãos, retornando à aliança do Sinai. No paraíso concebido por Usque, o (re) convertido ao Judaísmo ocupa uma posição superior ao israelita de nascimento, pois é para os bem-aventurados que procuram a verdadeira lei, para aqueles que só com sua reflexão, sem ajuda de pais, nem de outros, alcançam Deus, como causa primeira, e disseminam sua fé pelo mundo. É para estes comovidamente arrependidos ou decididos a viver na aliança com Deus, que Abraão abre as portas da vida. Acerca disso, vale lembrar que o primeiro patriarca de Israel, Abraão era um prosélito, que rompeu com a tradição em que vivia, abandonando sua família, seus costumes nativos e pagãos para responder afirmativamente ao apelo de Deus para construção do monoteísmo (Cf. ASHERI, Michel, 1995, p. 267-269).

Conforme a lição de Mucznik (1994, p. 66-61), Samuel Usque adota uma postura discursiva e escritural que se aproxima da de Sócrates, discorrendo que a consolação é produzida quando se comparam os infortúnios passados com os vivenciados no presente. Tal intencionalidade faz o escritor enumerar as tribulações dos israelitas, ao longo de sua trajetória milenar, desde o alvorecer dos tempos bíblicos, com a

chamada de Abraão ao monoteísmo, até as grandes perseguições, torturas e autos de fé, promovidos pela Inquisição. Com isso, é revitalizada a memória da “nação portuguesa”, que tivera as suas raízes ancestrais arrancadas e dispersas pela intolerância e obscurantismo cristão.

Ao adotar a gênero discursivo das consolações, Usque investe em um processo retórico através do qual os sofrimentos e tormentos vivenciados pela gente hebréia no presente são relativizados e reconfigurados, quando diluídos no desdobramento da história de Israel, como vem exposto pela citação: “Ou o que creio e derejo, por esta tormenta que tee gora nos perseguio e persegue começarse jaa amainar, e a desejada manhaã depois da tempestuosa noute do ynuerno quererse nos aparecer” (USQUE, 1989, p. 345).

A narrativa assume uma dimensão nitidamente profética, messiânica. Na esteira de muitos judeus do seu tempo, Samuel Usque crê que a vinda do Messias, que imporá um fim às perseguições e privações, está próximo. Para que isso se concretize, é necessário o envolvimento de todos os judeus, os que permaneceram fiéis ao hebraísmo e os que apostataram, mas que devem ser reconduzidos ao rebanho de Israel.

Como escreve Lúcia Liba Mucznik, quando se lê, a *Consolação* sob essa perspectiva, a identidade dos destinatários é um problema incontornável. Usque dirige-se aos “Senhores do Desterro de Portugal”, designados pelo autor como “nossa trabalhada e corrida nação” ou “esta nação seguida e afugentada” e, finalmente apenas por portugueses. A ambigüidade criada pela utilização da primeira pessoa do plural “nossa” aplicada à dita nação, que não só inclui o próprio autor como visa confundir-se com os “nossos” expressão que designa o povo de Israel no seu conjunto (MUCZNIK, 1994, p. 55-69). Essa continuidade nacional e religiosa gerada pela “confusão gramatical” pode ser percebida pelo seguinte fragmento:

A ordem que no mais desta composição tiue, foy, que fingindo o grande patriarcha yahacob com nome de ycabo e em habito de pastor como ho elle foy, chora o mal de seus filhos, filhos por sangue, filhos em ley, filhos em esprito e muitas vezes todo o corpo de ysrael representa elle com muita razão pois ambos somos hum soo sogeito. (USQUE, 1969, p. 61)

A igualdade social e a tolerância relativa começaram a ruir a partir de 1531, quando a monarquia portuguesa solicitou à Sé romana a instalação do Tribunal da Inquisição. A oficialização da Inquisição ocorreu em 1536, sendo acompanhada de perseguições, torturas e assassinatos coletivos, tais como o horrendo auto de fé de 1540. Essas medidas repressivas e coercitivas da liberdade judaica originaram sucessivas vagas de exílio (Cf. HERCULANO, 2002). Muitos destes foragidos e exilados, dentre os quais Usque se destaca, acreditavam que a Inquisição viera como um fardo punitivo, uma espécie de castigo pelo abandono da antiga aliança. Muitos marranos se arrependeram e voltaram à prática do Judaísmo, como aconteceu com Usque. Outros cristãos-novos não o fizeram, porque a sua assimilação ao cristianismo era já quase completa (Cf. MUCZNIK, 1994, p. 64), pois haviam esquecido e abandonado a “antigua ley”. Isso é atestado pela alusão usqueana à Inquisição: “çirurgião cruel sem o qual a “doença tão perigosa e mortal” do cristianismo “hia penetrando as entranhas” dos cristãos-novos e “em poucos años mais matara a memoria do judesmo em teus filhos” (USQUE, 1989, p. 211).

É para estes judeus temerosos e hesitantes, que “nam querem ynda encaixarse no corpo de ysrael” que o autor dirige o seu enfático e obstinado discurso de defesa do retorno às fontes religiosas hebraicas. Para isso, lança mão da imagem do pregador cristão, que procura modificar, no sentido positivo do termo, o comportamento dos seus ouvintes ou destinatários (Cf. MUCZNIK, p. 64). Esta intencionalidade subjaz na estruturação da *Consolação*, dividida em três longos diálogos: “I - Dialogo pastoril sobre cousas da sagrada

escritura. Ycabo. Numeo. e Zicareo ynterlocutores. II - Dialogo segundo no qual se trata, a redefinição da segunda casa e todo seu successo tee ser por Titos destruida, e a consolação de tal perda.III - Dialogo III no qual se trata desde a perda da segunda casa destruida pelos romanos quãtas tribulações padeceo Ysrael tee este dia e ao pee todas las profecias que nellas se am cumprido, e ultimamente sua consolação assi humana como divina”.

Os três diálogos apresentam os mesmos interlocutores. Ycabo, anagrama de Yacob, simboliza o povo judeu que se lamenta dos males e tragédias que, através da história tem sofrido. Os profetas Nahum e Zacharias, com os nomes de Numeo e Zicareo realizam a consolação de Yacob, Israel, descortinando-lhe o destino providencial do povo hebreu e sua missão terrena até a obtenção da felicidade que Deus lhe tem prometeu.

O ponto de vista do autor é estritamente judaico e embasada nas escrituras proféticas de Israel. No último diálogo, Usque faz a história do povo judeu no meio de diferentes nações – em Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Flandres, Portugal, Itália. Diante do leitor, através de páginas e páginas, num tom altamente doloroso e sentido, vão-se sucedendo as descrições de mortes, de exílios, de calúnias, de angústias, como se todo o mundo se tivesse conspirado em ser o algoz, déspota e cruel dessa nação perseguida.

O pastor Ycabo, um perplexo e cético marrano, é a personagem principal da alegoria com que Samuel Usque aponta a condição dos seus destinatários, representando o cristão-novo “em dúvida”, que hesita em trocar a religião cristã pelas tragédias e percalços do judaísmo. A narrativa colocada na boca de Ycabo alude aos “pecados” que os cristãos-novos eram obrigados a praticar: a assimilação, a apostasia e a idolatria (Cf. MENDES DOS REMÉDIOS, 1906, p. 44- 45). Assustado, perplexo, desesperado e revoltado contra Deus por causa das sucessivas catástrofes com que Adonai puniu as suas “culpas”, Ycabo exprime, aos seus companheiros de interlocução, as dúvidas que o assaltam em face das tragédias recaídas sobre Israel, cujo sentido último escapa-lhe totalmente. Como se pode perceber pelo excerto: “Temo primeiro, se o señor tam agrauado e offendido me auera engeitado de ser jaa seu pouo. E trás ysso temo se se auera passado a outra gente, vendo a pouca ympressam que faz jaa em mi sua meyzinha e castigo” (USQUE, 1989, p. 276).

O pastor lamentoso torna-se, assim, o porta voz das dúvidas dos seus co-irmãos marranos e se impõe como dramática a maneira como interroga Zicareo, anagrama do profeta Zacarias, acerca do término dessas dores incessantes: “Se tendes algus sinaes que me dar, por onde conheça nam que auer o señor yinda engeitado, nem elle ser passado a outra gente [...] [dado que o cativo] de Egyto durou duzentos e dez anos [...] e somente setenta ho de Babel, e o presente mil e trezentos años há que dura” (USQUE, 1989, p. 275).

Um elemento anti-semita muito utilizado para endossar as perseguições e os autos de fé era o do exílio e da diáspora judaica como prova do castigo de Deus. Com base nessa ótica, o exílio foi proporcional à falta cometida, mas nunca tão duradouro depois da morte de Cristo, como perniciosamente estava disseminado no imaginário cultural e social dos povos ibéricos. Se os judeus foram justamente abandonados por Deus, os cristãos e a Igreja romana surgem como o novo e definitivo povo eleito, pois o Evangelho viera cumprir as profecias do Antigo Testamento. A aliança do Antigo Testamento cede o lugar à nova. A Lei mosaica é assimilada e suplantada pela Lei da Graça, pela vinda do Cristo. A Igreja assume o papel de “verdadeiro Israel”. Isso nada mais é do que uma das feições do anti-semitismo

peninsular com o qual Usque possuía muita familiaridade e como comprova a segunda parte da pergunta de Icabo. Isto é, se o Senhor terá passado para o outro lado, o dos cristãos (Cf. MUCZNIK, 1994, p. 66-68).

Com base em tal interpretação, no suceder dos tempos antigos e modernos, os castigos impostos por Deus ao povo eleito significam um chamado à ordem, à integridade e à organicidade da vida judaica. O sofrimento despertará o povo de Israel para a convicção de que deve viver em um caminho reto, para que possa e deva desempenhar a grande missão que lhe foi confiada. Isso representa uma espécie de anúncio do papel salvífico destinado ao povo hebreu e perceptível, segundo Usque, em todo o seu percurso histórico. Por mais trágicos e terríveis que possam ser os sofrimentos e tormentos padecidos pelos judeus sob o crivo impiedoso e intolerante da Inquisição, deve ser recordado que sofrimentos muito maiores já foram enfrentados por este mesmo povo na sua trajetória histórica. Assim, os tormentos acabam sendo vistos como justos, porque se o povo de Israel, mais uma vez, pecou contra o Senhor, este não podia, por ser a própria expressão infinita da justiça, deixar livre de punição as infrações cometidas contra a Santa Lei. Isso revela, por outro lado, a predileção apaixonada desse mesmo Deus pelo seu rebento mais indigno. Adonai não quer deixar que se perca na dureza, na dor e no abandono. Deus pesa sobre o seu povo a mão com simultânea justiça e bondade (Cf. PINA MARTINS, 1989, p. 127-231).

-----

\* Este artigo é uma versão revista de uma comunicação apresentada no Simpósio de Estudos Judaicos, coordenado por Lyslei Nascimento (UFMG) e Nancy Rosenchan (USP) no Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), ocorrido na UERJ, em 2006. Nosso artigo não propõe uma abordagem inteiramente nova da *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, mas é tributário dos excelentes estudos de CABRAL (1999), REMÉDIOS (1906), MARTINS, José V. de Pina (1989), MUCZNIK, Lúcia Liba (1994), MUCZNIK, Esther (1999) e YERUSHALMI (1989). Nós mencionamos tais estudos nas referências bibliográficas e os consideramos imprescindíveis para qualquer reflexão teórico-crítica que venha a ser feita sobre a obra usqueana. O artigo almeja apresentar, de forma concisa e ampla, as principais linhas de força do magnífico diálogo pastoral elaborado por Usque, infelizmente pouco conhecido e lido no âmbito das letras judaico-portuguesas.

\*\* **Gerson Luiz Roani** é professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e doutor em Literatura Comparada pela UFRGS. É autor, dentre outros de *Literatura e judaísmo: o rosto judeu de Borges*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2003.

## Notas

---

<sup>1</sup> USQUE, Samuel. *Consolação às tribulações de Israel*. Reprodução facsimilada da Edição de Ferrara, 1553. Estudos introdutórios de Yosef Haym Yerushalmi e J. V. de Pina Martins. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989. (2 Volumes).

<sup>2</sup> Em meio às perseguições às quais os judeus e cristãos-novos foram submetidos, Grácia Nasi desempenhou um papel de relevo, no que concerne à ajuda e benemerência dedicada aos seus compatriotas. Com obstinação e zelo humanitário, colocou a sua imensa riqueza, oriunda dos banqueiros da Casa Mendes, à serviço da causa de resgate e salvação dos sefarditas expulsos e perseguidos dos Reinos de Portugal e Espanha. A trajetória heróica dessa filha de Israel é transfigurada no romance histórico *A Senhora* (2001), da francesa Catherine Clément e na excelente biografia escrita por Esther Mucznick (2010). (Vide referências bibliográficas completas no final do texto)

---

## Referências

- ASHERI, Michel. *O judaísmo vivo*. As tradições e as leis dos judeus praticantes. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- BENBASSA, Ester; RODRIGUE, Aron. *História dos sefarditas*. De Toledo a Salónica. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- CABRAL, Maria Luísa (coord). *Signs of Judaism in Portugal*. Lisboa: Ministério da Cultura/Gabinete das Relações Internacionais, 1999.
- CLÉMENT, Catherine. *A Senhora*. – Grácia Nasi e a saga dos judeus no século XVI. São Paulo: Editora 34, 2001.
- HERCULANO, Alexandre. *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal* [1852]. Porto Alegre: Editora Pradense, 2002.
- KAYSERLING, Meyer. *História dos judeus em Portugal*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- MARTINS, José V. de Pina. Consolação às Tribulações de Israel de Samuel Usque – Alguns dos seus aspectos messiânicos e proféticos – uma obra-prima da língua e das letras portuguesas. In: USQUE, Samuel. *Consolação às tribulações de Israel*. Edição de Ferrara, 1553. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989, v. 1, p. 127-231.
- MARTINS, José V. de Pina. A dedicatória e o prólogo da Consolação às Tribulações de Israel de Samuel Usque. In: VÁRIOS. *Os Judeus portugueses entre os descobrimentos e a diáspora*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994. p. 110-114.
- MUCZNIK, Lúcia Liba. *Ficções e contradições da identidade na Consolação às tribulações de Israel de Samuel Usque*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994.
- MUCZNIK, Esther. *Grácia Nasi*. A judia portuguesa do século XVI que desafiou seu próprio destino. Lisboa: Esfera dos Livros, 2010.
- MUCZNIK, Esther. Consolação às Tribulações de Israel. In: CABRAL, Maria Luísa (Coord). *Signs of Judaism in Portugal*. Lisboa: Ministério da Cultura/Gabinete das Relações Internacionais, 1999, p. 59.
- NAHON, Gérard. Samuel Usque. In: *Dictionnaire du Judaïsme. Encyclopaedia Universalis*. Paris: Albin Michel, 1998. p. 700-701.
- REMÉDIOS, Mendes dos. Prefácio. In: USQUE, Samuel. *Consolação às tribulações de Israel*. Coimbra: França Amado – Editor, 1906. p. 1-48.
- USQUE, Samuel. *Consolação às tribulações de Israel*. Reprodução facsimilada da Edição de Ferrara, 1553. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989. (2 Vol.)
- YERUSHALMI, Yosef Hayim. A Jewish Classic in The Portuguese Language. In: USQUE, Samuel. *Consolação às tribulações de Israel*. Edição de Ferrara, 1553. Lisboa: Calouste Gulbenkian, v. 1, p. 15-113, 1989.
- WILKE, Carsten. Samuel Usque. In: *Encyclopédie philosophique universelle*. Paris: Press Universitaires de France, v. 3, t. 1, p. 876-877, 1992.